

CORREIO POLÍTICO

POR RUDOLFO LAGO



Eduardo e Trump: praticamente só ele acha legal

Eduardo e Trump

O compositor Edu Krieger, famoso pelas paródias de músicas que faz, fez uma versão para “Eduardo e Mônica”, de Renato Russo. “Eduardo e Trump” fala da relação de Eduardo Bolsonaro, filho do ex-presidente Jair Bolsonaro, com o seu ídolo meio alaranjado que hoje preside os Estados Unidos. “Eduardo e Trump sempre foram parecidos”, canta Edu Krieger. “Eles não gostam de

vacina e são contra a imigração”. Se, porém, essa relação de amor às vezes correspondido, às vezes não, pode provocar versos bem-humorados do parodista, na prática ajuda a intensificar a complicadíssima relação entre o Brasil e os Estados Unidos a menos de uma semana da confirmação se realmente haverá o tarifaço ameaçado por Trump. Eduardo lamenta ou comemora?

Paternidade

Um problema enorme para o Brasil. Por causa disso, a parte mais sensata da oposição tenta a todo custo se desvincular da sobretaxação. O problema: a toda hora Eduardo aparece para reivindicar a paternidade dela. Eduardo vira figura tóxica em boa parte da oposição.

Valdemar

O Correio Político apurou que entre aqueles que hoje andam querendo distância de Eduardo Bolsonaro está o próprio presidente do PL, Valdemar Costa Neto. Há uma avaliação de que a melhora na popularidade de Lula em grande parte é resultado da ação de Eduardo.



Jonas Pereira/Agência Senado

Incluir Motta e Alcolumbre não estava nos planos

De amigo do presidente a enorme problema

Pesquisa Ipspe divulgada na quinta-feira (24) foi mais uma a demonstrar que a desaprovção do presidente Luiz Inácio Lula da Silva cai, na exata medida em que sua aprovação sobe. E os levantamentos eleitorais voltam a colocá-lo como favorito em todos os cenários. Com uma clara relação nos levantamentos entre

a melhora e a questão do tarifaço. Num primeiro momento imediatamente posterior ao tarifaço, as avaliações nos bastidores da oposição eram de que Eduardo Bolsonaro tinha ganhado reconhecimento: teria demonstrado acesso a Trump. Não demorou muito, porém, para ficar clara a repercussão negativa.

Congresso

A última declaração de Eduardo, dizendo que os EUA poderiam incluir nas suas listas de retaliações os presidentes da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), e do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), gerou imensa irritação. Era envolver o terceiro dos poderes.

Moraes

O script que a oposição pretendia visava o foco em Alexandre de Moraes e no Judiciário. Imaginava sanções ao ministro do STF que pudessem reforçar a possibilidade do seu impeachment, e uma mudança para tirar da Corte o julgamento de políticos.

Executivo

Desgastar o Executivo também era desejável. O problema é que a coisa fugiu do controle, e desgasta o Brasil inteiro. Mas não estava na conta de ninguém incluir também os comandos do Legislativo no rolo. Porque aí não sobra espaço para nada, para ação nenhuma.

Economia

Então, fica agora a oposição torcendo para o imponderável. O tarifaço deve trazer prejuízos econômicos. Inflação e desemprego podem cair na conta de Lula. Desde que a culpa não acabe apontada para a própria oposição. É onde Eduardo vira problema.

Sabotados por Eduardo, senadores vão ao EUA

Nelsinho Trad destacou que missão não é disputa política

Saulo Cruz/Agência Senado

Por Gabriela Gallo

A partir desta segunda-feira (28), começam os trabalhos dos oito senadores representantes da comissão temporária externa para tratar das tarifas de 50% a produtos brasileiros que o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, ameaça impor sobre o Brasil a partir de sexta-feira (1º). A previsão é que no primeiro dia os representantes brasileiros conversem com empresários estadunidenses, e na terça (29) e quarta-feiras (30), se reúnam com congressistas norte-americanos. Os parlamentares brasileiros viajaram para Washington, capital dos EUA, nesta sexta-feira (25).

A comitiva é presidida pelo presidente da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional do Senado Federal, Nelsinho Trad (PSD-MS), que convocou a viagem. O comitê também será composto pelos senadores titulares Jaques Wagner (PT-BA), líder do governo no Senado, Tereza Cristina (PP-MS) e Fernando Farias (MDB-AL). Além deles, também compõem a comitiva os senadores suplentes Astronauta Marcos Pontes (PL-SP), Espereidião Amin (PP-SC), Rogério Carvalho (PT-SE) e Carlos Viana (Podemos-MG).

A comitiva cumpre ao mesmo tempo um papel político importante e delicado. Importante porque insere o Congresso Nacional nos esforços para tentar evitar o tarifaço ameaçado por Trump. Delicado porque, nos Estados Unidos, o filho do ex-presidente Jair Bolsonaro, Eduard Bolsonaro, ten-



Senadores vão aos EUA para “reabrir canais de diálogo”

ta declaradamente fazer com que a missão não tenha sucesso. Esta semana, ele chegou a classificá-la como um “desrespeito” a Trump. E tem envidado esforços para que parlamentares ligados ao Partido Republicano, o mesmo de Trump, não recebam os senadores brasileiros.

Diálogo

Uma das críticas de Eduardo é que a comissão não teria capacidade de negociação com o governo dos Estados Unidos para reverter a situação (que, aliás, está muito concentrada no próprio Trump).

Ao Correio da Manhã, Nelsinho Trad ressaltou que o comitê não tem essa pretensão. Ele reconhece que não terá um papel central de negociação, mas de diálogo entre congres-

sistas e representantes dos dois países – um dos motivos para os senadores selecionados terem alguma ligação ou relevância com categorias de comércio e relações norte-americanas.

“Vamos com o propósito de abrir canais de diálogo e levar a preocupação legítima do Brasil com os impactos das tarifas. Nosso papel não é negociar, mas mostrar, com dados, que essa medida prejudica setores produtivos dos dois lados. É uma agenda de defesa institucional, que busca preservar empregos, cadeias de valor e relações comerciais históricas com os Estados Unidos. A presença do Senado é um gesto político claro de que o Brasil quer conversar”, destacou o senador para a reportagem.

Ex-ministra da Agricultura

A uma semana, tarifaço acende alerta comercial e político

Por Karoline Cavalcante

A menos de uma semana da data anunciada para a imposição de tarifas adicionais sobre produtos brasileiros pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump (Republicano), o cenário continua em constante evolução. Enquanto o Brasil intensifica esforços diplomáticos para alcançar um entendimento com autoridades norte-americanas, a situação interna nos EUA também se complica, com sinais de conflito entre os poderes.

Na última semana, um grupo de 11 senadores do Partido Democrata encaminhou uma carta a Trump, manifestando preocupação com o que classifica como um “claro abuso de poder” nas ameaças de uma possível guerra comercial com o Brasil. No documento, divulgado pelo Comitê de Relações Exteriores do Senado na sexta-feira (25), os parlamentares acusam o líder da Casa Branca de utilizar a política econômica como ferramenta para interferir em favor de aliados políticos — em referência a declarações em defesa do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), que é réu no Supremo Tribunal Federal (STF) por supostamente articular uma tentativa de golpe de Estado para permanecer no poder, após as eleições em 2022.

Déficit

A carta contesta as justificativas dadas pelo republicano ao anunciar as sanções, previstas para entrarem em vigor



Haddad estima que dez mil empresas serão prejudicadas

no dia 1º de agosto. Segundo o presidente, o comércio entre os dois países seria “muito injusto”, gerando um “déficit comercial insustentável”. No entanto, os senadores argumentam que os Estados Unidos registraram superávit de US\$ 7,4 bilhões em 2024 na balança comercial com o Brasil e não enfrentam déficit nesse relacionamento desde 2007.

Além dos dados, o grupo alertou para os impactos de uma escalada tarifária. Entre os possíveis efeitos, estão o aumento de custos para famílias e empresas norte-americanas e um eventual estreitamento entre Brasil e China. “Os americanos importam mais de US\$ 40 bilhões anualmente do Brasil, incluindo qua-

se US\$ 2 bilhões em café. O comércio entre os EUA e o Brasil sustenta quase 130 mil empregos nos Estados Unidos, que estão em risco devido às ameaças de tarifas elevadas. O Brasil também prometeu retaliar, e vocês, preventivamente, prometeram retaliar na mesma moeda — o que significa que os exportadores americanos sofrerão e os impostos sobre importações para os americanos subirão além do nível ameaçado de 50%”, diz o texto.

Fora do escopo

Jorge Ferreira dos Santos Filho, economista e professor de Administração da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), explicou que, embora o presidente norte-a-

mericano tenha alguma autonomia para decidir sobre tarifas em situações excepcionais, as decisões relativas à política comercial são, em regra, competência do Legislativo. Segundo ele, a iniciativa foge tanto do escopo tradicional da atuação presidencial quanto das normas que regem a diplomacia internacional.

“Eles estão justamente reforçando isso. Embora o presidente dos Estados Unidos tenha alguma alçada para decidir tarifa, o que Trump fez em relação ao Brasil foge muito do escopo da atuação dele. E, segundo, foge também do escopo do que seria uma tarifa internacional por conta do teor da carta. O documento insiste que ela não tem precedentes na diplomacia recente: duas democracias e uma delas tomando decisões de interferir na política interna da outra”, avaliou.

Efeitos econômicos

De acordo com Santos Filho, caso as tarifas entrem em vigor como estão formuladas, os efeitos sobre a economia brasileira poderão ser expressivos. “Alguns analistas calculam até US\$ 175 bilhões nos próximos meses, algumas cadeias de valor vão ser afetadas, a da indústria — tanto a pesada quanto a de aviação e a maquinário — o agronegócio será atingido tanto na exportação de café e soja, como na exportação de proteína animal, de carne bovina, carne suína e carne de aves e o impacto que pode causar a perda de milhares de empregos”.